

## ABORDAGEM HOLÍSTICA NA EDUCAÇÃO

*Miguel Almir L. de Araújo*  
*Prof. Assistente do Dep. de Educação*  
*Mestre em Educação (UFBA)*  
*malmir@uefs.br*

**RESUMO** — *Neste texto explicitamos algumas reflexões acerca da cosmovisão holística e sua relação com a Educação. Fazemos referência ao paradigma cartesiano-newtoniano, realçando sua predominância em nossa cultura. Discorremos sobre a Holística como forma de compreensão do mundo a partir da coexistência dinâmica e interdependente dos seres e fenômenos que o compõem, em seu fluxo permanente de mudanças, fundando-se na dialogia entre Ciência, Arte, Filosofia e Tradição. Acentuamos as contribuições da Holística para a Educação no sentido de que aquela prima pela formação da inteireza de nosso ser, mediante a interação de nossos hemisférios direito e esquerdo no cultivo da sensibilidade crítico-criadora, de consciências alargadas, dos valores primordiais da ética, da solidariedade, da amorosidade, da beleza.*

**PALAVRAS-CHAVE:** *Mudança de paradigmas; interdependência e complementaridade; transdisciplinaridade.*

**ABSTRACT** — *In this paper we offer some reflections concerning the Holistic view of the cosmos and its relation with Education. We refer to the Newtonian-Cartesian paradigm, emphasising its predominance in our culture. We discuss the Holistic as a form of comprehension of the world based on the interdependent and dynamic coexistence of the beings and phenomena that compose it, in permanent flux, being founded itself in the dialogic between Science, Art, Philosophy and Tradition. We give particular attention to the contributions of the Holistic to Education, where it should excel in the formation of the entirety of our being, through the interaction of our left and right hemispheres in the cultivation of critical-creative sensitivity, of widened consciousness, of the primordial values of ethics, solidarity, affection, beauty.*

**KEY WORDS:** *Change of paradigms; interdependence and complementarity; multidisciplinary.*

***Para ser grande, sê inteiro***

nada teu exagera ou exclui.

Sê todas as coisas.

Põe quanto és no mínimo que fazes.

Assim em cada lago a lua toda brilha.

Porque alta vive.

Fernando Pessoa

**INTRODUÇÃO**

O presente texto explicita, nos limites de suas fronteiras, algumas reflexões/meditações acerca da cosmovisão holística e sua relação com a Educação, apontando as contribuições que aquela proporciona na dinâmica do fazer educativo.

No primeiro momento, expomos, de forma bastante sucinta, um quadro representativo do paradigma cartesiano-newtoniano, realçando a predominância desse paradigma em nossa cultura, pontuando suas características reducionistas, monológicas e fragmentantes.

Em seguida, discorreremos sobre a cosmovisão holística que vai emergindo nas últimas décadas, de forma aberta e pluralista, a partir dos mananciais de tradições milenares da humanidade e das descobertas contemporâneas em diversas áreas do conhecimento, principalmente com a Física Quântica, expressando uma compreensão do mundo com base na coexistência dinâmica e interdependente de todos os seres e fenômenos que o compõem, em seu fluxo permanente de mudanças, fundamentando-se na dialogia entre Ciência, Arte, Filosofia e Tradição.

E, por fim, no último momento, acentuamos as contribuições que a abordagem holística traz para a Educação, na perspectiva de que os processos educativos devem primar pela formação da totalidade de nosso ser, mediante a articulação simbiótica e fecunda entre nossos hemisférios cerebrais direito e esquerdo, onde nossa sensibilidade vai se desenvolvendo/lapidando na integração da intuição/razão, do corpo/mente, da materialidade/espiritualidade, da interioridade/exterioridade, tornando-nos assim, seres mais criativos, solidários, abertos, inventivos,

amorosos e belos no cultivo das qualidades primordiais da inteireza de nossa existência.

## 1 O PARADIGMA CARTESIANO-NEWTONIANO

Nas últimas décadas, o mundo tem sido assolado por vexatórias crises que conduziram o planeta Terra a dilemas de gravidade imensurável. O paradigma predominante que lastreou as práticas socioculturais e político-econômicas no transcurso de nossa história privilegiou valores e posturas que desembocaram em relações adoecidas dos seres humanos consigo mesmos e com todo o ecossistema vivo. A depredação de nossos ambientes psíquico, social, físico e espiritual, através de tanta destrutividade, foi incidindo em desequilíbrios inimaginados e agonizantes, desqualificadores de nossa vida e da de outros seres do universo.

Esse paradigma foi instituído em nossa cultura, de forma mais efetiva, a partir da chamada Idade Moderna, com a consolidação dos referenciais teórico-metodológicos do modelo cartesiano-newtoniano. Esse modelo se fundamenta na categoria da razão analítica que se vai caracterizando pela redução de toda a realidade a sistemas de entendimento matemático lógico-formais lineares. Dessa forma, o mundo, a natureza são analisados e interpretados apenas a partir das leis ordenadoras da lógica instrumental e apresentados como máquinas que funcionam mecanicamente em suas estruturas uniformemente determinadas.

O filósofo René Descartes, no século XVII, elabora seu sistema de pensamento racionalista, tendo como fundamento o princípio de que é a categoria da razão que propicia a descoberta da verdade clara e distinta sobre as coisas, sobre o mundo através do método analítico no qual o objeto é decomposto em suas partes básicas e ordenado pelas operações lógicas da razão, incorrendo assim no conhecimento verdadeiro e consistente.

Para Descartes, a mente pensante, *res cogitans*, exerce supremacia diante do corpo, *res extensa*, sendo este mera extensão daquela. O corpo é abordado como uma máquina que apenas veicula de forma mecânica o pensamento racional

portador da verdade. Dessa forma, Descartes instaura a relação dicotômica entre corpo e mente, sentir e pensar. A razão é revestida de caráter divino, deificando-se, tornando-se, isoladamente, criadora e iluminadora do universo, sendo representada no Ocidente moderno pelo apogeu do conhecimento científico.

Isaac Newton, no final do século XVII e início do seguinte, inspira-se no racionalismo cartesiano e o aprimora na elaboração de sua concepção mecanicista da natureza, do universo através de suas investigações no campo da Física, onde vai formulando uma teoria matemática do mundo constituente de leis gerais e exatas que governam os sistemas físicos. Para Newton, tempo e espaço são absolutos e funcionam mecanicamente com suas leis matemáticas necessárias e imutáveis. A natureza é vista como uma máquina perfeita governada pela exatidão dessas leis.

As idéias de Descartes e de Newton vão configurar o paradigma cartesiano-newtoniano, conformando a ordem do pensamento analítico mecanicista nos confins de nossa cultura, estruturando assim as nossas mentalidades ocidentais modernas. Essa perspectiva de entendimento do mundo traz desdobramentos modulares em nossas múltiplas formas de vida e de relações sociais, tais como: a dicotomia entre nosso corpo e nossa mente, nosso sentir e nosso pensar; o primado do ter em detrimento do ser; o aguçamento dos valores da competição entre os seres humanos; a cisão entre sujeito e objeto nos processos de investigação; a separação mutilante entre seres humanos e natureza que se traduz na relação meramente apropriativa e explorativa daqueles sobre esta; a exacerbação do hemisfério esquerdo, dos aspectos masculinos; a perda de visão dos limites do pólo da razão; a negação da coexistência dinâmica entre parte e todo; o predomínio da lógica separatista e exclusivista; a subestimação do mito-poético com o desencantamento de nossa relação com o mundo que fica mediada exclusivamente pelas operações utilitárias, imediatas e mecânicas conduzindo-nos a brutalizações e barbáries.

Na esteira desse paradigma, o pensamento analítico-mecanicista e exclusivista se reveste de caráter determinista e suas leis estabelecem a ordem do mundo, das coisas que podem, portanto,

ser por ele controladas e dominadas. Esse reducionismo concebe como verdade apenas aquilo que estiver circunscrito nos domínios desse modelo ordenador e monológico, ficando excluído tudo o que dele for diverso. O conhecimento científico fica estabelecido como modelo uniforme, onisciente e onipotente, de descoberta e entendimento da realidade, dos fenômenos do mundo, mediante o determinismo e a suposta infalibilidade de suas leis.

Nos emblemas desse paradigma cartesiano-newtoniano, estão ilustrados os valores do progresso que é proporcionado pela ciência e pela técnica, como estandartes que conduzirão a humanidade à verdadeira felicidade, através da luminosidade fulgurante da supremacia da razão analítica. A arte, a religião, o mito etc. são considerados por esse paradigma como fontes causadoras de ilusão e obscuridade, sendo, portanto, prescindíveis.

Nas últimas décadas, inúmeros autores/pensadores começaram a apresentar/revelar de forma mais profunda as fronteiras dessa mundivisão, realçando que a sua postura exclusivista, unidimensionalizante e reducionista leva-a a ofuscar-se em sua luminosidade excessiva na cegueira da falta de percepção de seus próprios limites. No bojo das crises provocadas por esse paradigma, representadas pelos danosos desequilíbrios sociais, físicos, psíquicos e espirituais que se expressam nos palcos moventes da história humana, vão despontando novos olhares, compreensões e posturas que primam por transformações profundas em nossas mentalidades, valores e atitudes em que os conflitos são abordados de forma alargada como elementos fertilizadores dos processos de mutação.

## 2 A COSMOVISÃO HOLÍSTICA

*A parte é algo diferente do todo; mas também é o mesmo que o todo é; a substância é o todo e a parte.*

Heráclito de Éfeso

Tradições culturais de existência milenar da humanidade, tanto do Ocidente como do Oriente, apresentam-nos seus mananciais de sabedorias reveladores de cosmovisões que

descortinam formas de compreender, olhar e se relacionar com o mundo, diversas dos referenciais que se tornaram predominantes com o paradigma newtoniano-cartesiano. Essas tradições milenares de povos indígenas de diversos continentes, de povos orientais e africanos, bem como de outras civilizações antigas do Ocidente, concebem que os seres, as coisas que compõem o universo no qual habitamos encontram-se interrelacionados de maneira interdependente na dinâmica das relações do cosmos. Seres humanos, rios, astros, árvores, animais, fogo, pedras, ventos, terra etc. são todos seres e elementos que mantêm originariamente relações de complementaridade de uns para com os outros, sendo que a interrupção desses vínculos desencadeia desequilíbrios e destrutividade.

Diversas investigações e descobertas da Ciência, da Arte e da Filosofia contemporâneas vão estabelecendo diálogos com essas tradições milenares, elaborando, a partir desses núcleos referenciais, o que está sendo chamado de paradigma holístico, caracterizado por uma abordagem ampla e aberta que implica novos olhares e percepções em nossas relações com o universo em sua unidiversidade e que vai possibilitando nossa religação com todos os seus elementos e seres.

A cosmovisão holística vai engendrando-se com mais impetuosidade a partir das inquietações dos movimentos socioculturais das últimas décadas, emanadas do mal-estar que acometeu nossa civilização diante do predomínio das estruturas socioculturais e político-econômicas ameaçadoras das vidas do planeta, notadamente na década de 60 “com o movimento anti-nuclear, o surgimento da consciência feminista, (...) o renascimento das tradições espirituais, a medicina alternativa, as lutas de libertação étnica, a consciência ecológica” (TAVARES, 1993, p.62).

O vocábulo holismo/holístico origina-se da expressão grega *holos* que significa todo, inteiro (totalidade, inteireza). De acordo com os pesquisadores da temática, foi o filósofo sul-africano Ian Christian Smuts pioneiro no uso da expressão holismo, apresentando-a como uma compreensão do universo constituído de seu processo evolutivo tecido a partir dos conjuntos dos seres e coisas que dele fazem parte de maneira interligada (WEIL, 1991). Alguns autores que tratam do tema têm optado

pelo uso da expressão holística, considerando que o sufixo *ismo* do termo holismo pode incorrer numa interpretação equivocada, com o acento demasiado no todo, levando a uma desqualificação perceptiva da relação de integração dinâmica do mesmo com as suas partes, o que consideramos pertinente.

A cosmovisão holística, em seu processo de construção e afirmação, fundamenta-se na compreensão de que o mundo se configura como uma rede de relações, onde tudo o que existe se constitui de modo dinâmico, compondo a diversidade de elementos, fenômenos e seres interdependentes e complementares que se interrelacionam no fluxo do movimento rítmico e constante, mediante processos de transformações incessantes. Cada um de nós, cada ser do universo é um microcosmos dotado de características peculiares e que se intercambia com os demais seres numa relação de intersecção em que cada um, para existir, carece do outro em níveis diversos, em planos mais densos e sutis, na complexidade da totalidade do macrocosmos. Somos fios entrelaçados da imensa teia cósmica.

A Holística como princípio de compreensão e relação vivencial de cada ser humano com o mundo, origina-se dos repertórios de sabedorias primordiais sedimentadas por diversas tradições e de investigações/descobertas contemporâneas de múltiplas áreas de conhecimento nos territórios de nossa cultura, apontando para a relação dialógica de coexistência fecunda e criadora entre a Ciência, a Arte, a Filosofia e as tradições espirituais. Nesse rumo, a cosmovisão holística concebe que todas as formas e conteúdos de conhecimento humano, com seus matizes pluridimensionais, devem ser entrecruzados nas encruzilhadas da cultura humana, de forma transdisciplinar em que as contribuições de cada área singular enriquecem, ampliam e aprimoram a compreensão do ser humano sobre a vida, as coisas, os fenômenos do mundo na complexidade rítmica de sua totalidade.

Essa compreensão e postura supõem a superação da supremacia do paradigma cartesiano-newtoniano de caráter reducionista, separatista, monológico e exclusivista. Nesse modelo, as diferenças são excluídas, o diálogo entre as diversidades torna-se intolerável e a sinuosidade, o movimento permanente das coisas e dos seres é comprimido e cristalizado em suas

estruturas monolíticas. A qualidade é reduzida à quantidade, o todo ao fragmento das partes. O ser é estilhaçado pelo predomínio do ter.

Entre os diversos núcleos referenciais e pensadores que apresentam reflexões/meditações instauradoras de novas mentalidades e novos paradigmas na articulação de nossas relações com o mundo, acentuando características que plasmam a abordagem holística, faremos referência a alguns que consideramos mais ilustrativos no momento.

Grandes tradições espirituais da humanidade como o Budismo, o Taoísmo, o Hinduísmo concebem que tudo no universo está interrelacionado em sua existência mais profunda no fluxo contínuo do devir cósmico, na cadência dinâmica de seus ciclos. Todas as coisas estão essencialmente interligadas e incluídas nesse movimento permanente que se desdobra em mudanças qualitativas, na interdependência primordial criadora entre luz e sombra, *yin* e *yang*, entre nosso dentro e nosso fora, nosso corpo e nossa mente.

Nos primórdios da nossa civilização ocidental os pensadores chamados de pré-socráticos apresentaram uma cosmovisão que afirma, através de sua idéia de *physis*, a relação de sintonia e escuta entre ser humano e natureza na qual esta é concebida como imbuída de energia criadora e vivaz realçando uma relação de simpatia entre eles na emanção do *arché*, princípio primordial donde tudo se origina. Essa postura dos pré-socráticos implica uma relação entre seres humanos e natureza, nutrida de respeito, admiração e complementaridade.

No século XVI, Giordano Bruno enuncia que o universo é um todo dinâmico onde a matéria e o espírito coexistem de forma entrelaçada. Para Bruno, a matéria é animada, eivada de energia.

O filósofo Baruch Spinoza, em suas concepções filosóficas, refere-se à idéia de que tudo está relacionado na ordem do mundo: tudo é um.

H. L. BERGSON afirma que o universo é um todo indivisível e interrelacionado no fluxo do surto de energia vital do vir-a-ser cósmico. Para ele, a vida é realidade em movimento, e é a percepção intuitiva que nos possibilita a captação dessa

realidade viva ondulante, que nos conecta com a essência das coisas.

Em suas meditações filosóficas, o pensador M. Heidegger proclama que o conhecimento ocidental descambou no esquecimento do ser em sua expressividade mais profunda. Para ele, é necessária a superação da cisão entre sujeito e objeto, instalada pelo pensar calculista, considerando que o ser humano existe imerso no mundo, sua morada, numa postura de abertura para a totalidade do real. Existir, para Heidegger, significa coexistir: o ser humano, no mundo, entrelaça-se com os outros seres, sendo ele pastor que deve cuidar das relações entre os diversos seres. O autor enfatiza também a conexão entre o pensar e o poetar como conjunção que nos permite uma compreensão e relação mais ampla e originária da mobilidade das coisas, do mundo ( HEIDEGGER, 1987).

As descobertas da Física Quântica têm ultrapassado os modelos lineares da Física Clássica e apresentado uma compreensão do universo como um todo dinâmico e curvo, impulsionado pelo movimento flutuante entre partículas e ondas. Para os físicos quânticos, a relação entre sujeito e objeto é interativa, não sendo possível separação entre esses no processo de elaboração do conhecimento. Ambos são interdependentes. O universo é uma totalidade ininterrupta e indivisível na qual todos os seres e fenômenos estão interligados numa teia viva. F. CAPRA (1983) acentua que os fenômenos do universo, para o olhar quântico, revelam-se de forma dançante em suas ondulações contínuas.

O princípio de incerteza de W. Heisenberg ultrapassa as visões deterministas e reducionistas da ciência clássica, explicitando a idéia de que o universo é composto de feixes de energia em teias de relações dinâmicas e ondulatórias, e que dele podemos apenas construir probabilidades, aproximar-nos de suas manifestações, porém, não nos é possível conhecê-lo absolutamente.

David Bohm explicita suas idéias quânticas afirmando que existe uma ordem implicada entre as coisas e os seres do universo, onde cada parte contém o todo nessa teia de relações que perfaz o mundo. Para Bohm, o universo é um “conjunto indivisível em movimento fluente” (Apud CREMA e BRANDÃO, 1993, p.33).

Teilhard de Chardin desenha sua cosmovisão acerca da interdependência das coisas utilizando a metáfora da rede onde todos os elementos do cosmos entretecem-se: “É impossível seccionar essa rede para isolar uma porção sem que ela se desfie e se esfiapé nas pontas” ( LEMKOW, 1992, p.138).

O francês Edgar Morin afirma que o paradigma da ciência clássica é simplista, ao pretender reduzir toda a realidade ao modelo limitado da ciência, abordando-a de forma disjuntiva, separando o sujeito humano das coisas, dos objetos, da natureza. Evidencia seu caráter mecanicista, ao conceber que as relações existentes entre as coisas, os fenômenos, a natureza são determinadas por leis mecânicas e causais. Morin propõe o princípio da complexidade e, através de uma visão sistêmica, procura compreender as relações de interdependência entre tudo o que existe, realçando a presença do indeterminismo, da instabilidade, da não-linearidade, da evolução criativa que caracteriza a dinâmica social e todo o universo. Apresenta também a idéia da terra pátria, da ética da solidariedade pela qual possamos ultrapassar as fronteiras forjadas pelo paradigma clássico e tecer relações de fraternização e inclusividade entre os seres humanos e desses com a natureza e todas as coisas, entre as partes e o todo, mediante a compaixão do coração e o humanismo do espírito ( MORIN, 1994 e s.d.).

Em um colóquio realizado em Veneza, no ano de 1986, promovido pela UNESCO, onde se congregaram diversos pesquisadores e pensadores de projeção internacional, representando as mais variadas áreas de conhecimento, foi elaborada uma declaração em que esses, realçaram a relevância da mudança de paradigma que está ocorrendo no mundo e reafirmaram a premência de que novos valores, posturas e atitudes possam vir a ser assumidos pelos seres humanos no planeta, impelindo a busca de relações mais solidárias, dialógicas, abertas, éticas, ecológicas e humanas, mediante a orientação transdisciplinar que pressupõe a conexão fecunda entre a Arte, a Ciência, a Filosofia e as Tradições espirituais, para que possamos garantir a continuidade da vida, das vidas no planeta, buscando o aprimoramento de seus processos evolucionários.

A abordagem holística se apresenta como cosmovisão aberta e abrangente em seu processo dinâmico de constituição, como forma pluralista, transversal e fundante de percebermos, compreendermos e de nos relacionar com o mundo. Algumas das características principais de seus princípios fundantes são:

1. busca da **inteireza** — primando por uma compreensão mais alargada possível da relação interativa e simbiótica entre parte-todo, todo-parte;

2. **diversidade** — o universo é constituído, em sua unidiversidade, de uma multiplicidade de seres em que cada um, com seus traços singulares e a magnitude de suas qualidades, tem sua nobre tarefa de colaborar na composição da sinfonia cósmica;

3. **interdependência/complementaridade** — considerando que todos os seres que perfazem o cosmos são interdependentes, carentes uns dos outros, de forma mais direta ou indireta, visível ou invisível, e complementam-se entre si mediante relações interativas de trocas mútuas;

4. **movimento** — tudo está em permanente movimento na ordem/desordem do universo através de seus constantes ciclos, no entendimento de que tudo muda, e o que permanece é o próprio movimento;

5. **espiritualidade** — existe uma dimensão sutil de conexão energética/sinérgica que interpenetra e move os seres humanos com os outros seres, dando-lhes vigor e vitalidade nas relações com o cosmos, e que os une na busca da fraternização, da solidariedade cósmica.

A percepção holística propõe a inclusividade nas relações entre as diferenças que assim se encontram de forma aberta e se enriquecem nas trocas complementares de saberes e sabedorias, na superação do que P. Weil chama de “ilusão da separatividade”. O diálogo entre as diversidades alarga os horizontes de nossa consciência e nos impele à tolerância, ao espírito/sentimento de solidariedade e compreensão. As dimensões do quantitativo e do ter (técnica, tecnologia, artefatos) são apenas instrumentos que devem nos conduzir às buscas mais profundas da qualificação de nosso **ser** no mundo.

Procurando transmutar a mentalidade patriarcal propagada pelos modelos que foram privilegiados em nossa cultura, a Holística reafirma a relação coexistencial entre o *yin e o yang*, a *ânima e o ânimus*, o feminino e o masculino na trajetória das buscas incessantes de equilíbrios que nos tornam mais humanos. Para a cosmovisão holística o saber é necessário, porém a sabedoria é imprescindível. O saber científico e técnico configura-se em repertório de grande relevância para a vida humana, mas também é carecedor da maestria da sabedoria tecida com nossa intuitividade, amorosidade e espiritualidade para que nossa vida, a vida dos diversos seres do cosmos seja melhor compreendida, sentida, respeitada e celebrada.

A compreensão holística nos impulsiona a lançar pontes entre tantas fronteiras que nos segrega de nós mesmos, uns dos outros e dos outros seres do cosmos. Essa postura pressupõe a articulação de processos intensos de mudanças qualitativas em nossos valores e atitudes através de experiências/vivências reeducativas em possamos cuidar com mais atenção e sensibilidade da complexidade e totalidade de nosso ser psíquico, físico, mental e espiritual. Essa atitude vai sendo bordada na proporção em que, com a abertura de nossas consciências, vamos nos nutrindo nos mananciais dessas grandes sabedorias da humanidade representadas pelos territórios da Arte, da Ciência, da Filosofia e das Tradições espirituais, travando uma relação dialógica e criadora entre as mesmas. Dessa forma, podemos irrigar melhor nossa sensibilidade intuitiva e crítica, nossa racionalidade e imaginação criadoras no cultivo dos valores primordiais do âmago de nosso ser.

Clodoaldo M. Cardoso arremata: “O paradigma holístico não traz certezas ou segurança, reafirma o mistério da vida e do Ser, contudo reafirma também a potencialidade criativa do homem em construir um novo caminho na medida em que se caminha por ele. Exigência primeira: aprender a entoar a canção da inteireza pessoal” (1995, p.89).

Apresentamos a seguir um quadro sinótico-demonstrativo aproximado das principais características do paradigma clássico (cartesiano-newtoniano) e do paradigma emergente (cosmovisão holística).

PARADIGMA CLÁSSICO (cart.newt.)	PARADIGMA EMERGENTE (cosm.holística)
♦ Cientificismo	♦ Transdisciplinaridade
♦ Analiticidade/Explicação	♦ Hermenêutica/Compreensão
♦ Fragmentação/Mutilação	♦ Inteireza/Religação
♦ Exclusividade/ Separatividade	♦ Inclusividade/Complementaridade
♦ Lógica instrumental, disjuntiva, linear	♦ Lógica dialógica, conjuntiva, transversal
♦ Determinismo	♦ Indeterminismo
♦ Reduccionismo/Unidimensionalidade	♦ Complexidade/Multireferencialidade
♦ Cisão sujeito/objeto	♦ Interação sujeito/objeto
♦ Causalidade/Mecanicismo	♦ Acaso/Relação dinâmica
♦ Hemisfério cerebral esquerdo	♦ Dialogia hemisférios esquerdo/direito
♦ Quantidade/Mensurabilidade	♦ Quantidade/Qualidade/Imensurabilidade
♦ Precisão/Certeza	♦ Probabilidade/Incerteza
♦ Exterioridade	♦ Exterioridade/Interioridade
♦ Ênfase no ter	♦ Ênfase no ser
♦ Competição/Individualismo	♦ Solidariedade/Compaixão
♦ Razão/Saber iluminista	♦ Razão-Intuição/Sabedoria
♦ Corpo máquina pensante	♦ Corpo senciente, pensante
♦ Desencantamento do mundo	♦ Reencantamento do mundo
♦ Patriarcalismo	♦ Masculino/Feminino
♦ Apropriação/Exploração da natureza	♦ Interdependência/Ecologia
♦ Rigidez/Monoliticidade	♦ Flexibilidade/Holomovimento
♦ Homogeneidade/Uniformidade cultural	♦ Heterogeneidade/Diversidade cultural
♦ Ordem	♦ Ordem/Caos
♦ Logos/Apolo	♦ Logos-Eros/Apolo-Dionísio
♦ Globalização excludente	♦ <i>Globalização</i> includente
♦ Prepotência/Colonialismo	♦ Humildade/Fraternização

### 3 ABORDAGEM HOLÍSTICA NA EDUCAÇÃO

A rede da Educação tecida através de nossas práticas educativas tem sido esfiapada com a prevalência dos modelos dicotomizadores e reducionistas, erigidos na supremacia do hemisfério esquerdo que representa a razão analítica, o pensamento calculista com métodos e conteúdos meramente instrutivos, mecânicos e instrumentais. Buscando ultrapassar essa paisagem

fragmentada, a cosmovisão holística se propõe incorporar-se processualmente na Educação, compreendendo-a como processo de formação do ser humano, fundado na amplitude da complexidade de sua totalidade dinâmica e mutante, em que os pólos do cognitivo e do intuitivo, do pensar e do sentir, da mente e do corpo, de Logos e Eros vão sendo abordados e cuidados de forma inclusiva e dialógica. Isso vai ocorrendo na proporção em que educadores e educandos vão se abrindo para a reeducação de seus valores e posturas, primando pela relação conjuntiva e de abertura entre ambos, lastreados nos princípios da inteireza, da complementaridade, da interdependência, do movimento, da diversidade, da espiritualidade.

A Educação, nessa perspectiva, vai priorizando pela formação do ser humano, na globalidade de sua inteireza e sedimentação da experiência transdisciplinar que congrega os mais diversos campos de saber, no fluxo da coexistência vigorosa e criadora entre suas diversidades, o que vai proporcionando o desenvolvimento da compreensão e vivência cada vez mais ampla da totalidade de nosso ser com o todo do universo/pluriverso. Nossos hemisférios cerebrais esquerdo e direito religados vão nos tornando seres mais radiantes e equilibrados na relação de abertura terna e evolutiva com nós mesmos, com os outros seres.

J. Krishnamurti compreende a educação como experiência que deve nos levar a “compreender o significado da vida como um todo”, ao desenvolvimento primoroso da inteligência, sendo esta entendida como “capacidade de perceber o essencial” (KRISHNAMURTI, 1994, p.12). Para ele, “a mais alta função da educação consiste em produzir um indivíduo integrado, capaz de entrar em relação com o todo” (TAVARES, 1993, p.128), para que assim possa descobrir e revelar a graciosidade de seu ser no mundo.

As práticas educativas fundamentadas na cosmovisão holística vão convertendo o cotidiano da sala de aula em espaços onde são realizados “rituais de iniciação” dos seus protagonistas, nos aprendizados coletivos proporcionados pelas diversas sabedorias da humanidade, através do desenvolvimento da consciência meditativa/reflexiva e da vivência de sentimentos, crenças, valores que levam às descobertas dos sentidos mais profundos

e originários da vida, atingindo os confins do poético, da espiritualidade. Na proporção em que as vivências educativas tornam-se momentos de celebração da vida através das expressões da arte, da cultura vivida pelos educandos e educadores, elas permitem a cada um o aprendizado dos significados mais expressivos e relevantes para os processos de desenvolvimento da consciência dos valores humanos primordiais, na busca de nosso ser mais precioso.

A presença do lúdico, da alquimia do jogo como manifestação movente, desnuda e prazerosa das emoções e desejos estampados nos suspiros da alegria que vivificam o todo de cada ser, na abertura do encontro convergente da alma e do corpo, revigora e colore a educação.

O corpo, que é concebido com o predomínio do paradigma cartesiano-newtoniano na educação apenas como máquina pensante, invólucro da razão, passa a ser entendido como morada viva de nossa existência onde pulsam desejos, sentimentos, emoções, valores e que, através de sua energia e movimentos rítmicos nos possibilitam celebrações, descobertas e encontros viscerais com nosso ser senciente e pensante.

Essa compreensão do fazer educativo pressupõe também a identidade e a pluralidade cultural mediante a afirmação da expressividade das culturas locais em suas peculiaridades, promovendo a relação dialógica das mesmas com a diversidade de outros repertórios culturais bordando vínculos de trocas enriquecedoras, de tolerância e solidariedade na confluência entre as pluralidades.

O saber ruminado com o sabor da sabedoria, que agrega pensamento e intuição, irriga nosso *élan vital* que se rebenta em processos criativos, inventivos e transformadores de forma prazerosa e vicejante. Dessa forma, através da articulação do pensamento simbólico/metafórico, as potencialidades e faculdades da imaginação criadora, a sensibilidade intuitiva e meditativa/reflexiva vão sendo cultivadas na vida de cada um, na formação de nosso ser em sua globalidade.

Na Paidéia grega, nos tempos homéricos e pré-socráticos os processos educativos que emanavam da consciência viva da comunidade primavam pela formação do *kalokagathos* no qual

o bom e o belo se entrelaçavam na busca da compreensão da inteireza da vida. W. Jaeger pontua que “a não separação entre a estética e a ética é característica do pensamento grego primitivo” (1989, p.43). A presença do cultivo da poesia no cotidiano do fazer educativo como revelação do ethos vivo, da percepção da sutileza da vida, propiciava a formação da intuitividade e da racionalidade dos indivíduos com o propósito de plasmar as proporções da beleza.

A relação aberta, complementar e de parceria entre educadores e educandos na qual ambos em suas singularidades e diversidades encontram-se em processos coletivos de aprendizados e trocas, é uma postura fundamental nessa abordagem da educação. Clotilde Tavares afirma de maneira lapidar: “só consegue ensinar algo aquele que também está disposto a aprender” (1993, p.126). Guimarães Rosa burila com primor: “Mestre não é quem sempre ensina, mas quem de repente aprende” ( BRANDÃO, 1985, p.7). Quanto mais estamos abertos para aprender, incorporando a máxima socrática “só sei que nada sei”, mais ensinamos com luminosidade, imbuídos de humildade, amorosidade e sabedoria.

Transmutando as práticas educativas alicerçadas no paradigma newtoniano-cartesiano que, como vimos, exacerbam o lado esquerdo do cérebro, o pólo do masculino centrado na exterioridade, na pragmática do ter, a abordagem holística instaura processos educativos que primam pela formação da interioridade, do *conhece-te a ti mesmo* — do autoconhecimento. Os recursos tecnológicos podem e devem ser instrumentos relevantes na contribuição do aperfeiçoamento dos processos educativos que buscam as qualidades fundantes do saber ser, dos caminhos da sabedoria.

Essa formação da sensibilidade crítica, criadora, intuitiva e imaginativa vai desenvolvendo seres inventivos, de consciência e percepção alargadas e afinadas com as ondulações rítmicas da vida que não se adaptam aos modelos monológicos e domesticadores da sociedade unidimensionalizante e que envidam experiências transgressivas, audaciosas pelas aventuras dos riscos, pelas veredas dos desafios nas curvas dos conflitos partejadores de crescimentos marcados por novos caminhos, saberes e sentires.

A ênfase está no processo, em cada passo e compasso da trajetória em que se vivenciam e se saboreiam os meandros de cada aprendizado tecido na vibração da carne e do espírito, muito mais que no produto final. Guimarães Rosa também nos ensina que o supremo das coisas não se encontra no início nem no final, mas no meio da travessia.

A educação lastreada nesses princípios fecunda a imaginação de cada um, a capacidade de sonhar para poder projetar, buscar, dispor-se nos desafios que garimpam a “eterna novidade do mundo”, como nos poetiza Fernando Pessoa. Debulhando um mote de Edgar Morin, consideramos que o saber, o conhecimento tingido dessas matizes ancoram-se em princípios que não apenas devem respeitar como também revelar o mistério das coisas. O conhecimento veiculado nas práticas educativas deve conduzir educandos e educadores para a percepção dos imponderáveis, dos paradoxos e enigmas da vida, da natureza, do universo para que cultivemos a espiritualidade, a dimensão poética do cosmos, estabelecendo assim, com este, uma relação de respeito, admiração, simpatia e coexistência fraternizante, dinâmica e criadora.

A abordagem holística na Educação revela-se no movimento de aprimoramento de nossas sensibilidades na busca originária da beleza, que só se revela, em sua misterialidade e ternura, nos momentos de vivências mais plenas e inteiras em nossa relação com nós mesmos, com os outros, com o cosmos — nos momentos holísticos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRANDÃO, Carlos R. *O que é Educação*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- BRANDÃO, Denis M. S. e CREMA, Roberto (orgs.) *O novo paradigma holístico*. São Paulo: Summus, 1991.
- \_\_\_\_\_. *Visão holística em Psicologia e Educação*. São Paulo: Summus, 1991.
- CAPRA, Fritjof. *O Tao da Física*. São Paulo: Cultrix, 1983.
- \_\_\_\_\_. *O ponto de mutação*. São Paulo: Cultrix, 1988.

- CARDOSO, Clodoaldo M. *A canção da inteireza. Uma visão holística da Educação*. São Paulo: Summus, 1995.
- HEIDEGGER, M. *Carta sobre o Humanismo*. Lisboa: Guimarães Editores, 1987.
- \_\_\_\_\_. *Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1987.
- JAEGER, Werner. *Paidéia. A formação do homem grego*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- KRISHNAMURTI, J. A. *Educação e o significado da vida*. São Paulo: Cultrix, 1994.
- LEMKOW, Anna F. *O princípio da totalidade*. São Paulo: Aquariana, 1992.
- MORIN, Edgar. *O paradigma perdido*. Lisboa: Europa-América, [19--].
- MORIN, Edgar; KERN, Anne-Brigitte. A carta de identidade terrena. Em: *Revista Margem. Condição planetária*. São Paulo: Fac. Ciências Sociais PUC. EDUC, 1994.
- PETRAGLIA, Izabel C. *Edgar Morin. A Educação e a complexidade do ser e do saber*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1995.
- PLANETA NOVA ERA. São Paulo: n.1, 1996.
- TAVARES, Clotilde. *Iniciação a visão holística*. Rio de Janeiro: Record, 1993.
- TREVISAN, Rubens M. *Bergson e a Educação*. Piracicaba, São Paulo: Unimep, 1995.
- WEIL, Pierre et al. *Rumo a nova transdisciplinaridade. Sistemas abertos de conhecimento*. São Paulo: Summus, 1993.
- \_\_\_\_\_. *Holística: Uma nova abordagem do real*. São Paulo: Palas Athena, 1990.
- WILBER, Ken et al. *O Paradigma holográfico*. São Paulo: Cultrix, 1994.